

Jazz

10 de janeiro 2014

Ciclo “Isto é Jazz?”

Comissário: Pedro Costa

Akira Sakata e Giovanni Di Domenico

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone alto, clarinete, percussão, voz Akira Sakata

Piano Giovanni Di Domenico

Sex 10 de janeiro

21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

Entre irmãos

O projeto que o japonês Akira Sakata e o italiano, radicado em Bruxelas, Giovanni Di Domenico agora apresentam ao vivo em Lisboa tem como nome *Iruman*, o mesmo do disco que os reúne, lançado pela portuguesa Mbari. Esta é uma de várias palavras nipónicas que tiveram origem lusitana – vem de “irmão” e resultou da presença no Séc. XVI, em terras do Sol Nascente, de monges jesuítas idos de Portugal. Trata-se, pois, de um encontro motivado por princípios fraternos, não obstante a diferença de idades – Sakata nasceu em 1945 e Di Domenico em 1977 –, de estatutos na música – o saxofonista e clarinetista foi um pioneiro do *free jazz* no seu país e o pianista é uma das mais intrigantes figuras da nova vaga do jazz criativo europeu – e das diferenças culturais que encontramos nas suas respetivas abordagens da improvisação.

Improvisação? Sim, é por aí que passa o entendimento entre os dois músicos, mesmo que conciliem a função de compositores à de instrumentistas. «Improvisação e composição são uma e a mesma coisa. Quando se improvisa está-se a compor uma peça de música. Há dois aspetos básicos em associação: um é o som e o outro é a forma. O som é o coração da música e a forma é a maneira como o som se torna naquilo que designamos por música», adianta Di Domenico, sabendo que Sakata tem uma opinião coincidente.

Esse fator de fraternidade na música é assim explicado pelo parceiro habitual de Hugo Antunes, Gonçalo Almeida

e João Lobo, portugueses igualmente fixados na Bélgica: «A música é, provavelmente, o melhor instrumento de comunicação que existe no mundo, não necessitando de nada mais do que de boa vontade e energia. Ora, a energia que é criada quando toco com Sakata é algo de muito forte e inexplicável, algo que só a própria música pode explicar. A ligação que tenho com ele é de afinidade e empatia, precisamente aquilo que procuro em todos os aspetos, que não apenas os musicais, da minha vida.»

Os próprios fundamentos do trabalho deste duo dizem muito, logo para começar, da personalidade de Akira Sakata, uma lenda viva do jazz inconformista que faz questão de se rodear de músicos mais jovens – casos, ao longo dos últimos anos, de Bill Laswell, Jim O'Rourke, Chris Corsano ou Jeff Parker, entre muitos outros – para constantemente se renovar... «Ele está para além da idade. Abre-se sempre a novos estímulos que lhe motivem uma total entrega à música, ou talvez uma entrega aos outros através da música. É uma pessoa extremamente afável e um bom companheiro de “uchiage”, que é como os músicos japoneses chamam ao convívio comemorativo que se segue aos concertos. É muito divertido e inteligente, sendo óbvio o seu gosto em estar com o pessoal júnior. Aliás, tem uma energia que não encontro em músicos da sua geração. Presumo até que se aborrece a tocar com eles (risos).»

Apesar destas características pessoais, e de um percurso que se caracteriza pela mudança de direção, com incursões pelo jazz-rock, pela *world*

music e até pelo noise, a crítica ocidental continua a conotar Akira Sakata com o free jazz japonês dos anos 1970, aquele mesmo que revelou neste lado do mundo quando começou a frequentar os festivais europeus com Manfred Schoof e quando os feitos do Yosuke Yamashita Trio, que então integrava, ultrapassaram as fronteiras do Japão. Já assim não se verifica com a maneira como a música de Giovanni Di Domenico é ouvida, ainda que sejam grandes as distinções entre o seu lado mais “camerístico”, as situações em que utiliza os seus sintetizadores, em contexto experimental ou de rock, e o que faz ao lado de Arve Henriksen, Alexandra Grimal, Nate Wooley e Mathieu Calleja...

«É estranho, realmente. Apesar de manter uma identidade própria, o Sakata tem passado por muitas fases e basta ouvir o grupo Wha-Ha-Ha para concluir que não é apenas um músico free. O que penso sobre o assunto é isto: há apenas uma música. Os géneros, os rótulos, são limitações que lhe são impostos, fórmulas a que os humanos recorrem para manter a cabeça arrumada (risos). Eu sou como ele: tenho a mesma abordagem da música, seja tocando livremente, trabalhando com eletrónica ou tocando temas mais acessíveis», comenta Di Domenico.

Esta colaboração é a primeira em que Sakata toca com um pianista, mas o interlocutor do também biólogo marinho (uma segunda profissão que o roubou à música durante uns anos) não tira um especial significado dessa circunstância: «A escolha do piano de cauda aconteceu por acaso. Antes da

gravação do disco em Tóquio, ele disse-me que o estúdio tinha um bom piano e ficou definido que eu o utilizaria. Na verdade, pouco importa que instrumento tenho diante de mim. Tento sempre ir para lá do piano, do sintetizador ou do que disponho para tocar. O som que eu quero não é o do instrumento, mas o que tenho em mente.»

Já o facto de Di Domenico estar com um músico japonês neste duo é menos accidental. Muitos dos instrumentistas das formações em que está envolvido têm essa origem, casos de Tatsuhisa Yamamoto, Daysuke Takaoka e Tatsuya Nakamura, para só referir três. «Os músicos japoneses têm algo de diferente. A sua cultura e a sua história moldou-os de maneira tão distinta da nossa que a música deles (e sobretudo o seu “som”, sendo que música em Japonês diz-se “ongaku”, que significa literalmente “prazer do som”) é, de facto, muito diferente. Mesmo que usem instrumentos ocidentais, como acontece com Akira Sakata. Há qualquer coisa na percepção que têm das formas, na sua noção de “beleza”, que me fascina», explica.

Este interesse do pianista por outras perspetivas traduz-se no entendimento de que a música «é algo de misterioso e mesmo um dos maiores mistérios da condição humana». «Ouvi muita música clássica na infância e oiço música contemporânea desde a adolescência. Embora nunca tenha estudado piano clássico (os meus estudos são de piano jazz), o facto de ser europeu faz-me sentir que pertenço mais a esta tradição do que à do bebop. Sim, este já se tornou

numa tradição, tendo perdido o carácter revolucionário original. No mundo em que vivemos não há lugar para o isolamento cultural e temos acesso a todas as culturas imagináveis, pelo que não é invulgar tocar-se bop ou ragas ou gamelão quando se nasce e se é criado na Europa, mas prefiro lidar com o que me é mais próximo», continua.

Assim, o Japão representa para si um colocar-se em relação, sem que tal implique sair do seu próprio espaço ou faltar à sua verdade interior. *Iruman* é a prova de que um diálogo entre iguais, na sua diversidade, é possível, e não de que está em processo alguma convergência universal por via do jazz e das técnicas e estéticas da improvisação. O definitivo esclarecimento: «Alimentamo-nos um ao outro a par e passo com novas ideias, novas possibilidades de caminhos. Akira Sakata leva-me até ao limite, em termos de fisicalidade (abordagem física do instrumento) e de musicalidade, e já me disse que eu faço o mesmo com ele, o que muito me alegra.»

A parceria tem as suas idiossincrasias e estas justificam que exista, mas o certo é que há uma unidade entre todos os projetos musicais a que Di Domenico se dedica: «A livre improvisação dos Posh Scorch, o rock psicadélico dos Going e as paisagens sonoras eletrónicas do meu solo Hintanoi traduzem os *inputs* que o meu cérebro e o meu corpo recebem ao ouvir música e ao pensar sobre música. É difícil explicar isto com palavras... Estou permanentemente a pensar sobre música e sobre como expressar a música que há em mim. O único elemento que varia é esse “como”, e no caso do duo

com Sakata o como está no facto de eu ser induzido, ou provocado, pelos sons dele.»

Não é raro que a recensão de um disco de, ou com, Giovanni Di Domenico estabeleça como exemplos referenciais músicas gravadas na década de 1970. Uma crítica aos Posh Scorch alude a AMM, Pink Floyd e Miles Davis no período *Get Up With It* para que os leitores percebam de onde vêm as soluções aplicadas. Não estranha, por conseguinte, que o músico se tenha associado a um dos heróis maiores dessa época, Akira Sakata. Assim como não surpreende que este seja dos poucos entre eles que se manteve atualizado – os jornalistas especializados salientam também que a influência *Seventies* de Di Domenico não é simplesmente uma submissão passiva aos seus modelos.

O comentário: «Os Setentas são provavelmente o melhor período do Séc. XX. Claro que há boa música de outras alturas, mas o que se fez nos anos 70 foi fantástico. Talvez isso se tenha devido ao desenvolvimento da indústria de gravação. Os gravadores multipistas já existiam, mas só então se tornaram numa autêntica ferramenta artística. Adoro o som dos teclados analógicos e o modo como a fita reage à distorção natural do Fender Rhodes, por exemplo. Cresci a ouvir o Miles Davis elétrico e os primeiros álbuns de Stevie Wonder. É aí que está o meu ADN.»

Oiçamos, assim sendo, como um quase septuagenário que “japonizou” o grito de Albert Ayler e um trintão que assimilou tanto um Debussy e um Berio como um Cecil Taylor e um Paul Bley

confraternizam musicalmente conosco e entre si... Mal sabiam os Jesuítas de antanho o que resultaria dos seus esforços de evangelização.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista “online” jazz.pt

Akira Sakata

Akira Sakata, saxofonista, nasceu em Kure a 21 de fevereiro de 1945, a poucos meses dos raids aéreos que destruíram o arsenal naval japonês estacionado no porto da cidade e a tempo de pressentir o vulto do bombardeiro norte-americano Enola Gay rumo a Hiroshima. Trata-se de uma região perpetuamente em luto, cuja mágoa incictrizável concorreu com o esforço de reconstrução, espantando, iludindo e alienando uma geração que cresceu a desprezar cultos nacionalistas. Para muitos, então, apenas combatendo o conformismo cultural se poderia conciliar o estranho, o belo, o grotesco e o misterioso da vida, e conferir algum sentido à irracionalidade que a bomba atômica tão bem representou.

O jazz – popular no Japão desde os anos 20 e com importância revalidada pela ocupação americana – revelou-se um instrumento essencial no desenvolvimento do espírito crítico, na constituição de comportamentos desviantes, mas também uma maneira de tornar visível a dor e o sofrimento, de dialogar despuadoradamente com o caos, de regressar ao mundo. O trio de Yosuke Yamashita, Akira Sakata e Tateo Moriyama simboliza algo desse impulso, trazendo até ao ocidente – em festivais como os de Moers, Berlim, Montreux ou Newport e em discos como *Clay* ou *Chiasma*, editados por ENJA e MPS em meados de 70 – um *free jazz* que se considerava resultado de uma experiência evolutivamente separada da nossa. Outros LPs desse período – como *Distant Thunder*,

gravado ao vivo pelo trio com Manfred Schoof – sublinham um discurso acima de tudo empenhado em escapar a qualquer forma de coação.

De novo no Japão, Sakata estendeu a outras áreas esse libertário postulado. As suas gravações de início dos anos 80, do teatral *20 Personalities* aos idiomáticos ensaios com o grupo Wha-Ha-Ha (não por acaso lançado na editora Better Days, catálogo âncora para o mais distinto e futurista *synth-pop*, e, na Europa, em parte licenciado à Recommended, de Chris Cutler), decorriam em paralelo com uma carreira internacional progressivamente conotada com a mais intransigente e globalizada música de fusão. Em 1981 atua em Berlim ao lado de Lounge Lizards, James Blood Ulmer, Defunkt ou Material, de Bill Laswell, o baixista norte-americano que, em 1986, o convidaria para *The Noise of Trouble*, sessão com Herbie Hancock, Sonny Sharrock, Peter Brötzmann e Ronald Shannon Jackson. Laswell estaria presente noutros momentos fundamentais na discografia de Sakata: produzindo primeiro, em 1991, *Silent Plankton* e *Autonomous Zone* (com Ginger Baker, Foday Musa Suso, Anton Fier ou Brötzmann) e, mais tarde, em 1996, o projeto de folclore pan-asiático Flying Mijinko Band (Fier, Suso, Nicky Skopelitis, etc.), que, patrocinado pela Japan Foundation, viajou por Uzbequistão, Mongólia, China.

Desde 2005, desta feita através de inúmeras colaborações com Jim O'Rourke, Chris Corsano e Darin Gray, o percurso de Sakata ganhou novamente visibilidade fora do Japão.

Intransigentes registros como *Hagyou* (com Yoshimi, dos Boredoms), *Friendly Pants*, *And That's the Story of Jazz e Sora Wo Tobu!* (que conta com Yosuke Yamashita), a par de digressões na Europa e América do Norte, levaram o seu nome a novas gerações. Nos últimos anos têm-se ainda estreitado as relações entre a sua atividade artística e o seu trabalho enquanto biólogo marinho, professor convidado na Universidade de Tóquio, como no DVD *Mijinko – A Silent Microcosm*, dedicado à pulga-de-água.

Giovanni Di Domenico

Giovanni Di Domenico, pianista, nasceu em Roma a 20 de julho de 1977, período significativamente turbulento em termos sociopolíticos, de hostil polarização e ostensivo para-militarismo, amotinado confronto ideológico e sanguinários atentados, para a posteridade incluído na caracterização dos ‘Anos de Chumbo’. Nesse verão de particular acerbidade, brotou por entre a paranoia conspirativa o chamado ‘Movimento de 1977’, não-alinhado, extraparlamentar e, em certa medida, pacífico, que denunciava tendências iníquas, discriminatórias, autoritárias e represivas no Estado italiano, reclamando igualdade de oportunidades para as minorias e um incremento nos direitos civis. Coincidente com a liberalização do mercado de produtos audiovisuais, terminado o monopólio da RAI, esse é também o tempo das rádios piratas, resultando numa libertadora fragmentação da cultura juvenil, exponencialmente representada pelo *punk*.

Pode dizer-se que Giovanni, autodidata até aos 24 anos, herdou – filosófica, política e artisticamente – o mais afirmativo e benigno dessa época, diversificando já a sua ação no quadro de uma Europa unificada, promovendo improváveis coligações, explorando as mais variadas geografias, manobrando confortavelmente em franjas estéticas, comprometendo-se com a atuação ao vivo no que esta possui de mais participativo e engajador. Mas, curiosamente, o caminho que até aí o conduziu teve origem num inesperado desvio: acompanhando sucessivas colocações de seu pai, engenheiro civil, viveu a primeira década de vida em África – até aos cinco anos na Líbia, dos cinco aos oito nos Camarões e, depois, até aos dez, na Argélia. O seu longínquo país natal não era tanto o palco de ações à mão armada quanto o da ópera, cujas árias, para exercitar a língua e entreter a família, aprendia com as irmãs. Essa singular condição de expatriado teve um tremendo impacto na sua formação – recorda as recitações dos muezzin, os sons de exóticos instrumentos nas feiras, a expressão ritualista da música nas ruas de Yaoundé ou as melodias que a sua ama camaronesa cantava. Talvez por isso se insira, hoje, tão naturalmente no coletivo Trance Mission, do marroquino Hassan El Gadiri.

Quando finalmente chega ao Conservatório – cursou ‘piano jazz’ – aprofunda uma técnica enciclopedicamente (in)formada; rítmica, harmónica e timbricamente marcada por diferentes tradições não-ocidentais e igualmente sensível aos *Préludes* de

Debussy, às *Sequenza* de Luciano Berio, à ‘ambi-ideação’ ouvida nos discos de Borah Bergman para a Soul Note, à polissémica densidade de Cecil Taylor, à enodada transparência de Paul Bley e, claro está, às mais radicais manifestações procedentes dos subterrâneos da música popular, mas invariavelmente dedicada à construção de uma prática original. É uma distinção – dir-se-ia geracional – que partilha com muitos dos músicos com que se tem cruzado em anos recentes, entre os quais se destacam Nate Wooley, Chris Corsano, Arve Henriksen, Jim O'Rourke, Alexandra Grimal, Tetuzi Akiyama, João Lobo ou Toshimaru Nakamura. Fundou a sua própria editora, a Silent Water, testemunho para uma eclética e ocasionalmente inclassificável produção. Vive em Bruxelas.

Kachupada

Carmen Souza



Música Sex 17 janeiro

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M3

Voz Carmen Souza **Contrabaixo** Theo Pas'Cal
Percussões Elias Kakomanolis **Piano** Ben Burrell

Carmen Souza nasceu em Lisboa (1981) de uma família cabo-verdiana. Cresceu falando crioulo e português, rodeada da maneira de viver dos seus pais. Autodidata, cantou num grupo português de *gospel*.

Descoberta, aos 17 anos, pelo baixista Theo Pas'Cal, que se tornou no seu produtor e mentor, rapidamente constrói um som inconfundível, servido por um timbre e uma técnica vocal únicos e de grande beleza, uma grande amplitude de voz, que vai buscar as suas raízes à cultura cabo-verdiana, mas também aos ritmos tradicionais africanos ou ao jazz (tem-se apresentado em alguns dos mais reputados festivais de jazz internacionais).

Com uma carreira fulgurante, gravou já seis discos, o último dos quais,

Kachupada, está na base do concerto desta noite.

Carmen Souza tem feito digressões pela Europa, Estados Unidos, África, Japão ou Coreia, com atuações louvadas pela crítica e recebidas com entusiasmo pelo público. Os seus discos também têm merecido excelentes referências nos meios de comunicação e várias recompensas.

Carmen Souza é uma artista com um talento imenso e uma originalidade surpreendente.

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Estagiária:

Inês Hipólito

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
